

O PRAZER E O TÉDIO

Sinopse

“O Prazer e o Tédio” é uma adaptação ao cinema da obra homónima de José Carlos Barros, poeta e romancista nascido em Boticas, que nos fala da agonia do mundo rural.

O filme começa com Aline, no seu apartamento em Lisboa, a rever fotografias da velha Casa a Jusante da Ponte de Arame onde nascera em finais da década de 60 do século XX e que abandonara, de vez, ainda adolescente. Na cidade, o tédio parece submergi-la. Contudo, põe de lado a hipótese de regressar, decidindo, antes, livrar-se o mais depressa possível dessa casa afastada do mundo.

No meio das fotografias, descobre o diário do Engenheiro das Florestas, seu antepassado, que, em 1889, chegara à Vila, empolgado pela ideia de florestar os montes áridos do Barroso, de ali “criar paisagens”. Este acaso faz abrir gavetas sucessivas da memória, conduzindo à descoberta de episódios cheios de mistério e intriga, de violência e ternura, de generosidade e ressentimento, de prazer e de tédio. Como pano de fundo, o inevitável confronto entre a Casa (significando o que está, para ficar) e o que chega de fora, o que não tem nome e por isso amedronta.

O filme fixa-se de forma mais demorada sobre dois episódios elucidativos desse atrito: a breve mas marcante passagem pela Vila do Engenheiro das Florestas; e a chegada à Vila da camioneta de carreira, trazendo um Professor com ar de maricas. Como se constata, nenhum deles tem nome próprio, sendo designados pela função de que vêm investidos. A verdade é que ambos vieram perturbar a quietude e a ordem natural das coisas da Vila....

Em 1889, Américo Fontes, o construtor da Casa a Jusante da Ponte de Arame, assume-se como o rosto da oposição à obra do Engenheiro das Florestas, enquanto que a sua filha Leonor se perde de amores pelo forasteiro. Fernando Lalice, então um jovem voluntarioso, faz-se aliado do engenheiro mas os ciúmes levam-no a cometer um ato irremediável. Lalice é um dos que, em 1921, reage mal à chegada da camioneta de carreira. Outro é o doutor Magalhães, cacique da Vila.

É nessa camioneta que regressa à Vila o avô de Aline, João Pequeno, depois de 12 anos no Brasil. Vem à procura de si próprio e das suas origens.

Alina vende a casa, mas devolve o dinheiro ao comprador, no momento em que sabe que a casa ficará submersa nas águas duma barragem.

CITAÇÕES

“Há quanto tempo, Aline, uma nuvem não é para ti senão uma nuvem, há quanto tempo não te percorre verdadeiramente a inquietação de um corpo que se deseja? Há quanto tempo não adormeces com o desassossego de saber que o mundo permanece vivo por dentro dos sonhos?”

Voz do namorado de Aline, o Poeta

“A história podia começar no dia distante em que os cães do Pai Ventura morreram afogados na corrente gelada das águas da ribeira do Fontão. Ou umas décadas depois, nessa manhã de Setembro em que a camioneta de carreira chegou à Vila e encontrou o Lalice desavindo. Ou mais tarde ainda, em 1949, quando um topógrafo de Lisboa foi visto a tirar miras na Ponte Pedrinha e se descobriu que uma mulher deslumbrante o acampanhava. É indiferente.

Aline

“Criar uma paisagem é como participar na criação do mundo”

Engenheiro das Florestas

“Pode-se saber por que se ri, senhor engenheiro? Olhando para nascente, para poente, para norte ou para sul, só se veem carreiros fodidos de andar e calhaus de pedra.”

Carregador

“Veio à tabela, a filha da puta”

Doutor Magalhães

“A camioneta não dá saltos de cavalo?”

Fernando Lalice

“Ora, o Estado centralizador nunca compreendeu que o todo é, ou deveria ser, a soma das partes. E, portanto, em nome do todo abstrato, fodeu o todo concreto ao derruir as partes que o constituem.”

Arquiteto Leonardo

Um acontecimento social

O núcleo central de intérpretes de “O Prazer e o Tédio “ é composto por atores do Grupo de Teatro Fórum Boticas que se entregaram com toda a sua energia e todo o seu talento ao arriscado desafio que lhes foi colocado. Abdicaram de fins de semana e feriados. Das famílias e dos amigos. Alguns tiveram que se deslocar, a expensas suas, de localidades distantes. Igualmente entusiástica foi a participação nas filmagens da cena da camioneta, em Oura, dos membros do Grupo de Danças e Cantares de Boticas, bem como de múltiplos habitantes de Vilar, Bostofrio e outras aldeias. Um deles, José Ramos, deixou-nos pouco tempo depois da sua participação. A ele se dedica a obra. Dezenas de outras pessoas estiveram, duma maneira ou doutra, envolvidas ou apoiaram o projeto. Casas de turismo rural, estabelecimentos comerciais, restaurantes, autarquias, cidadãos em nome individual responderam pronta e positivamente ao apelo de apoiarem a realização do filme. Em todas as circunstâncias, sentimos que todos sentiam que o filme tinha a ver consigo e com a sua terra. Neste contexto, será acertado afirmar que “O Prazer o Tédio” só se tornou num objeto artístico, depois de ser um entusiasmante acontecimento social.